

CONCORDÂNCIA DE GÊNERO EM WAPIXANA (ARUÁK)

Ílcia Pinheiro Melo¹
Manoel Gomes Santos²

RESUMO

Embora a categoria gramatical de gênero independa de um vínculo semântico particular, o gênero em muitas línguas tem uma base natural, semântica. Formalmente, o marcador de gênero pode aplicar-se a outros constituintes além dos limites do núcleo nominal, por regras de concordância. Aqui propomos, numa perspectiva tipológico-funcional, uma análise do processo de concordância de gênero em Wapixana (Aruák), língua falada no estado de Roraima e na República Cooperativista da Guiana pelo povo Wapixana. Conforme os resultados, além do registrado duplo paradigma de gênero natural, ocorre também a concordância exclusivamente gramatical para nomes cujos referentes são entidades não dotadas de sexo.

Palavras-chave: Língua indígena, Wapixana, Concordância, Gênero.

Introdução

Conforme Trask (2006), concordância é o fenômeno pelo qual a forma de uma palavra é determinada pela forma de outra com que tenha algum vínculo gramatical. Disso o autor conclui que concordância com palavra de gênero único é antes regência que concordância, porque o gatilho da mudança não é a forma da palavra, mas a palavra em si. A literatura pertinente sinaliza, entretanto, que os sistemas de atribuição de gênero, normalmente, não se pautam apenas pelo aspecto formal, de modo que se deve considerar também o aspecto semântico para a atribuição e concordância de gênero (AUDRING, 2008). O propósito principal desse artigo é, então, descrever o fenômeno da concordância de gênero na língua indígena Wapixana, a qual pertence à família

¹ Mestre em letras pela Universidade Federal de Roraima; especialista em Linguística e Produção de Texto pela Faculdade Integrada de Patrocínio (FIP); Graduação em Letras pela Universidade Federal de Roraima. ilcia.pinheiro@hotmail.com

² Área de atuação: Linguística e Língua Portuguesa, com ênfase em Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: análise e descrição de línguas naturais, sobretudo, línguas indígenas. melgsantos@uol.com.br

Aruák, é falada pelo povo de mesmo nome, no estado de Roraima e na República Cooperativista da Guiana, e apresenta tanto a concordância regencial quanto a de base semântica ou natural.

Considerando que nosso objeto de estudo abarca, além da concordância puramente formal, a concordância natural ou semântica, cuja descrição considera a forma peculiar de conceber o mundo do povo Wapixana, a perspectiva adotada é de natureza funcional, de forma a contemplar tanto aspectos linguístico-pragmáticos quanto cognitivos (CUNHA, 2017) na interpretação dos fatos relacionados ao gênero e sua concordância.

Este artigo apresenta a seguinte ordem de exposição dos assuntos: na seção seguinte, expomos brevemente o viés teórico empregado, sempre direcionando para nosso objeto de estudo; em seguida, passamos em revista o que foi escrito sobre gênero em Wapixana; finalmente, abordamos a concordância de gênero em Wapixana e tecemos nossas considerações finais.

Um viés tipológico-funcional

Uma vez que a descrição da concordância de gênero em Wapixana requer não apenas uma análise estritamente formal, quer dizer, nos limites do sistema linguístico, mas também abrange aspectos extralinguísticos, considerando a língua em uso e envolvendo aspectos discursivo-pragmáticos e socioculturais, optamos pelo modelo tipológico-funcional.

Compreendendo a linguagem como uma capacidade cognitiva, a perspectiva tipológico-funcional vê a linguagem como um dispositivo para a comunicação entre falantes e ouvintes. A hipótese fundamental é de que há uma relação entre significado e estrutura linguística, de sorte que fatores externos podem moldar a estrutura da língua (BRINTON, TRAUGOTT, 2005, p. 3).

Assim, o funcionalismo busca explicar a língua com embasamento no contexto linguístico e na situação extralinguística, considerando o modo como o ser humano concebe, organiza e categoriza as entidades do mundo e as nomeia em sua gramática (CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 14), o que não é levado em conta por uma abordagem que se prende aos limites do sistema linguístico.

Antecedentes sobre a concordância de gênero em Wapixana

Considerando a relevância da classificação dos nomes com base na categoria de posse para a descrição da categoria de gênero (SANTOS, 2006, p. 98) e, por consequência, para a investigação da análise da concordância de gênero, segue-se uma breve explanação dessa classificação em Wapixana, que subdivide os nomes do Wapixana em nomes inalienáveis e nomes alienáveis, à semelhança do que ocorre como muitas línguas da família Aruák (PAYNE, 1991).

Nomes inalienáveis são aqueles que fazem referência a entidades obrigatoriamente possuídas. Do ponto de vista semântico, em Wapixana, tais nomes restringem-se àqueles que denominam partes do corpo, partes de planta, termos de parentesco e alguns poucos objetos. Nomes alienáveis fazem referência a entidades não obrigatoriamente possuídas e ainda não se tem como vinculá-los a domínios semânticos com precisão (SANTOS, 2006, p. 136).

Do ponto de vista formal, os nomes inalienáveis são, em regra, marcados pelo sufixo *-i* ‘não possuído’ anexado à raiz do nome quando este não se encontra em construção possessiva (ou genitiva) e pela ausência desse sufixo se o nome do possuidor estiver presente, como demonstram os exemplos colhidos por Santos (2006)³.

(01)	idib-e-i nariz-EP-NPOSS ⁴ ‘nariz dela’	u-idib 3F-nariz
(02)	aka-i fruta-NPOSS ‘fruta da árvore’	atamyn-ak árvore-fruta
(03)	zynadi-i	u-zynadi

³ Diferentemente de XXX, que empregou uma transcrição fonológica dos dados, aqui emprego uma transcrição ortográfica, seguindo o sistema adotado por Cadete (1990).

⁴ As seguintes abreviaturas são empregadas neste trabalho: ADJR adjetivizador; ANF anáfora; AT atributivo; DIST distal; EL elativo; EP epêntese; F feminino; M masculino; MAT matéria; MI modo indicativo; NEG negação; NPOSS não possuído; NPRES não presente; O objeto direto; PL plural; POSS possuído; PROX próximo; S sujeito; 1 primeira pessoa do singular; 2 segunda pessoa do singular; 3 terceira pessoa do singular.

	prima-NPOSS	3F-prima
	‘prima dela’	
(04)	bairi-i	y-bairi
	flecha-NPOSS	3M-flecha
	‘flecha dele’	

Em (01-04), são ilustrados nomes inalienáveis que fazem referência a parte do corpo *idibei* ‘nariz’ (01), parte de planta *akai* ‘fruta’ (02), termo de parentesco *zynadii* ‘prima’ (03) e objeto *bairii* ‘flecha’ (04). Na coluna à esquerda, esses nomes exibem o marcador de não possuído *-i*, pois se encontram em palavras isoladas, sem possuidor presente; na coluna ao centro, ocorrem sem o sufixo *-i* marcador de não possuído, pois integram construções de posse (ou genitiva) e trazem um possuidor explícito pelo prefixo pronominal de terceira pessoa feminino *u-* em *uidib* ‘nariz dela’ (01), pelo nome *atamyn* ‘árvore’ em *atamyn-ak* ‘fruta da árvore’ (02), pelo prefixo pronominal de terceira pessoa feminino *u-* em *uzunadi* ‘prima dela’ (03) e, finalmente, pelo prefixo pronominal de terceira pessoa masculino *y-* em *ybairi* ‘flecha dele’ (04).

Os nomes alienáveis, por sua vez, quando isolados, ocorrem sem qualquer marca e, quando integram construção possessiva com possuidor explícito, recebem um sufixo (em regra, *-n*) que marca seu referente como possuído, como se observa nos exemplos a seguir que foram colhidos de Silva, Silva e Oliveira (2013, p. 16-17; 127):

- (05) a. aku
pilão
‘pilão’
- b. kutyainhau aku-**n** kyba idi’u.
antigo-PL pilão-POSS pedra MAT
‘o pilão dos antigos era de pedra.’

- (06) a. *kawaru*⁵
 cavalo
 ‘cavalo’
- b. *un-mawadibien-nii py-kawaru-n tu’ura’u*
 1-amansar-NPRES 2-cavalo-POSS brabo
 ‘vou amansar seu cavalo brabo’

Os exemplos de (05-06) ilustram nomes alienáveis que fazem referência a objeto *aku* ‘pilão’ (05) e a animal *kawaru* ‘cavalo’ (06). Em (05a) e (06a) esses nomes alienáveis ocorrem isoladamente, e, assim, apresentam apenas as respectivas raízes: *aku* ‘pilão’ (05a) e *kawaru* ‘cavalo’ (06a); em (05b) e (06b), ocorrem em construções possessivas, com os possuidores expressos pelo nome *kutyainhau* ‘antigos’ em *kutyainhau akun* ‘pilão dos antigos’ e o prefixo *py-* (segunda pessoa do singular) em *pykawarun* ‘seu/teu cavalo’, respectivamente, razão pela qual recebem o sufixo *-n* sinalizando que seus referentes têm possuidores explícitos.

A categoria de gênero em Wapixana

Uma vez conhecida a classificação dos nomes Wapixana com base na categoria de posse, nesta seção passamos em revista as informações registradas até o presente acerca da atribuição de gênero, o que constitui pré-requisito para a investigação do fenômeno da concordância de gênero nessa língua.

Em sua análise de cunho semântico baseada no sexo, Santos (2006) registra dois paradigmas opositivos de expressão de gênero distintos em Wapixana: um para nomes inalienáveis outro para nomes alienáveis, que distribuem transversalmente essas duas

⁵ Como mencionado acima, ainda não se tem clareza sobre os domínios semânticos de nomes alienáveis em Wapixana, fato que se agrava quando diz respeito a nomes de animais, pois envolve o destaque dado pela língua a animais domésticos, cuja expressão de posse requer o classificador *yz* ‘doméstico’, em construções como *un-yz arimeraka* (1-CL:DOMÉSTICO cachorro) ‘meu cachorro’. O nome *kawaru* ‘cavalo’, entretanto, ocorre em construções genitivas, com possuidor explícito, sem a presença desse classificador e ainda não se sabe se isso ocorre porque se trata de um empréstimo ou por alguma razão de natureza cultural.

subcategorias de nomes em masculino (que referem a indivíduos dotados de sexo masculino) e feminino (que faz referência a indivíduos dotados de sexo feminino).

No que tange ao paradigma opositivo de gênero entre os nomes inalienáveis, tal oposição aplica-se particularmente a nomes que designam termos de parentesco. Do ponto de vista formal, o gênero masculino é marcado pelo sufixo *-ry* para o masculino em oposição ao sufixo *-ru* que sinaliza o feminino, como ilustrado pelos exemplos recolhidos de Santos (2006, p. 139), que seguem:

- | | | | |
|------|----|-----------------|----------|
| (07) | a. | daia- ry | ‘esposo’ |
| | | cônjuge-MASC | |
| | b. | daia- ru | ‘esposa’ |
| | | cônjuge-FEM | |
| (08) | a. | da- ry | ‘pai’ |
| | | gênese-MASC | |
| | b. | da- ru | ‘mãe’ |
| | | gênese-FEM | |

Nesses exemplos, (07a) e (08a) apresentam, respectivamente, os nomes inalienáveis *daiary* ‘esposo’ e *dary* ‘pai’, cujos referentes remetem a termos de parentesco e se encontram no masculino, razão por que são marcados pelo sufixo *-ry*; os exemplos de (07b) e (08b), por outro lado, exibem, respectivamente, as formas *daiaru* ‘esposa’ e *daru* ‘mãe’ que correspondem às contrapartes femininas desses nomes inalienáveis, razão pela qual são marcadas pelo sufixo *-ru*.

No que diz respeito aos nomes alienáveis, a oposição aplica-se a nomes cujos referentes exibem o traço [+animado], exceto nomes de parentesco que, conforme visto acima, possuem paradigma próprio. Formalmente, a oposição entre as formas no paradigma de nomes alienáveis é marcada pelo sufixo *-aba* para a forma feminina do nome que remete a indivíduos do sexo feminino em oposição à ausência de qualquer

marca para sinalizar o masculino, como ilustrado pelos exemplos que seguem, colhidos de Silva, Silva e Oliveira (2012, p. 150; 190):

- (09) a. *wyrada*
jaboti-MASC
'jaboti'
- b. *wyrad(a)-aba*
jaboti-FEM
'jabota'
- (10) a. *minxy'y*
namorado-MASC
'namorado'
- b. *minxy'y-aba*
namorado-FEM
'namorada'

Em (09a) *wyrada* 'jaboti' e (10a) *minxy'y* 'namorado' remetem a entidades animadas de sexo masculino, razão por que não apresentam qualquer sufixo, isto é, exibem apenas a raiz nominal; as forma de (09b) *wyradaba* 'jabota' e (10b) *minxy'yaba* 'namorada', por outro lado, que remetem a entidades de sexo feminino, exibem o sufixo *-aba*, codificando a subcategoria de feminino.

Analisando esse duplo paradigma de expressão de gênero em Wapixana em contraposição ao paradigma de expressão de gênero em português, Melo (2019) afirma que:

[...] o falante do Wapixana concebe, organiza e armazena em sua memória tal categoria em termos de uma oposição restrita ao sexo, de forma que as outras entidades que não apresentam esse traço, não apresentam essa oposição codificada lexicalmente, isto é, não exibem um marcador no próprio nome. A concepção do falante do português acerca dessa categoria, por sua vez, não se restringe à oposição de sexo, de forma que pares como jarro/jarra, barco/barca (CÂMARA

JR., 1985, p. 88) opõem-se em gênero apesar de não apresentarem essa oposição. (MELO, 2019, p. 52)

Portanto, do ponto de vista cognitivo, essas duas línguas exibem padrões distintos acerca do conhecimento que falantes têm de categoria de gênero e isso se reflete na codificação gramatical através de marcadores de gênero. É relevante observar o alcance da oposição formal de gênero que se estende a todas as palavras em português, mas restringe-se àquelas cujos referentes realmente são dotados de sexo em Wapixana.

Pensando com Corbett e Fraser (2000, p. 294), a principal distinção na tipologia dos sistemas de atribuição de gênero é entre sistema semântico (em que apenas informação semântica é requerida) e sistema formal (em que tais informações semânticas são complementadas por informações morfológicas ou fonológicas), podemos dizer que, em acordo com o que foi discutido até aqui, o Wapixana apresenta um sistema de atribuição de gênero semântico que tem como base o sexo. O português, por sua vez, exibe um sistema de atribuição de gênero em que informações semânticas são complementadas por informações formais.

Conforme Lyons (1979):

[...] é fato que a maioria das línguas que têm gênero – definido como uma classificação de substantivo pela referência pronominal ou pela concordância – há uma base “natural”, semântica para essa classificação. Essa base não é necessariamente o sexo. Pode ser a forma, a textura, a cor, o ser ou não “comestível” – em suma, qualquer conjunto de propriedades “naturais”. (LYONS, 1979, p. 299)

Portanto, a atribuição de gênero por meios formais (por referência pronominal ou por concordância), em regra, apresenta uma base natural que pode ser o sexo ou outra propriedade semântica qualquer. Quando a propriedade semântica é o sexo, fala-se em gênero natural, isto é, “uma distinção biológica existente entre machos e fêmeas” (BORGES, 1997 *apud* MAZONI, 2018, p. 245), cuja distinção em relação ao dito gênero formal ou gramatical foi assumida por Censabella (2007), como suporte para sua descrição da língua Toba, o que se observa no seguinte fragmento:

Hablamos de *género natural* [...] cuando el hablante está obligado a indicar el sexo de un ser humano o ser animado y elije, según el

referente, el ‘masculino’ o el ‘femenino’: *hermano / hermana, hijo / hija*, por extensión para algunos animales domésticos: *perro / perra*. Por el contrario, si el hablante no puede elegir el género de un nombre, estamos frente a un caso de género gramatical: debe decir *el lápiz* y no **la lápiz*, tal como se lo indica el lexicón de su lengua. (CENSABELLA, 2007, p. 43)

Como se observa nesse fragmento, o gênero natural está vinculado à seleção, por parte do falante, de marcadores que indiquem a oposição entre sexos distintos de seres animados, humanos. O gênero gramatical, por sua vez, diz respeito à impossibilidade de atribuição de gênero, se a entidade à qual um nome faz referência não é concebida como dotada de sexo.

Observa-se, assim, que os estudos realizados sobre o gênero na língua Wapixana são direcionados para a oposição entre formas distintas de expressão de gênero através de dois paradigmas flexionais, o que evidencia o caráter fechado de um sistema gramatical de gênero ou classes de nomes que agrupa todos os nomes da língua em um número restrito de classes (DIXON, 1986, p. 105).

Embora a expressão “sistema obrigatoriamente gramatical que agrupa todos os nomes de uma língua em um pequeno número de classes” possa parecer forte, já que analisamos até aqui apenas oposições baseadas numa propriedade natural dos referentes nominais, é preciso lembrar que todos os nomes com referentes dotados dos traços semânticos requeridos para a classificação em masculino e feminino em Wapixana, a saber, “humano” e “animado” são agrupados dentro dos dois paradigmas do sistema. Além disso, mesmo os nomes que não possuem esses traços também integram o sistema, como se verá adiante.

Finalmente, como visto acima, dos dois paradigmas flexionais, um se aplica aos termos de parentescos que constituem parte dos nomes inalienáveis; outro se aplica aos seres animados que constituem parte dos nomes alienáveis. Ambos esses paradigmas são fundamentados na noção de “gênero natural” num sentido estrito, quer dizer, baseados na oposição entre sexo de entidades que exibem o traço animado.

Codificação da concordância de gênero natural em Wapixana

Considerando, com Trask (2006, p. 61), que a concordância é “o fenômeno gramatical no qual a forma de uma palavra numa sentença é determinada pela forma de

outra palavra com a qual tem alguma ligação gramatical” e considerando que a base natural de uma classificação de gênero é, muitas vezes, marcada gramaticalmente, passamos a analisar a concordância de gênero gramatical.

Conforme Dixon (1986) se uma classe de nome ou gênero for marcada por afixo, ele nunca se restringe aos limites da palavra, mas aplica-se a outros constituintes do sintagma ou mesmo da sentença, podendo ser marcado no verbo, codificando certas funções sintáticas e possibilitando a fusão da classe de nome (ou gênero) com outras categorias gramaticais, como a categoria de caso, por exemplo.

No *corpus* analisado, nos limites do sintagma nominal só foram encontrados exemplos de concordância com gênero natural envolvendo nomes alienáveis. Do ponto de vista da codificação, o sufixo marcador pode ocorrer ou não no núcleo, mas está sempre presente no demonstrativo que o determina, como demonstram os exemplos colhidos de Silva, Silva e Oliveira (2013, p. 131):

- (11) a. araw-y’y daunaiura makun zakap it
DIST-M homem ir roça para
‘aquele homem vai para a roça’
- b. Tau-ru’u zyn naydap pa-dizuan autaka
DIST-F mulher gostar ANF-comer araçá
‘aquela mulher gosta de comer araçá’
- c. au-ru’u zyn-ab nikpan didiada
DIST-F mulher-F comer pimenta
‘aquela mulher está comendo pimenta’

Em (11), o nome *daunaiura* ‘homem’, por referir a indivíduo de sexo masculino, ocorre sem qualquer marca, em acordo com o sistema de codificação de gênero de nomes alienáveis, de forma que seu gênero é identificado pelo padrão de concordância marcado pelo sufixo -y’y de masculino que se encontra no demonstrativo que compõe com ele o sintagma nominal *araw-y’y daunaiura* ‘aquele homem’ (11a). Por outro lado,

nos sintagmas *tauru'u zyn* 'aquela mulher' (11b) e *auru'u zynab* 'aquela mulher' (11c), as formas correspondentes ao nome 'mulher' *zyn* e *zynab*, respectivamente, fazem referência a indivíduo do sexo feminino e, assim, o mais esperado era que se apresentassem com a adjunção do sufixo *ab(a)*, o qual, como se observa, ocorre apenas em (11c). Todavia, em função do padrão de concordância, seu gênero é expresso por meio do sufixo de feminino *-ru'u* que ocorre no demonstrativo.

Santos (2006, p. 179-80), ao tratar dos adjetivos, chega a fazer menção um único exemplo em que o adjetivo é apontado por ele como sinalizador de gênero em processo de concordância, como se pode observar nos exemplos:

- (12) a. un-daia-ry ka'ydinhaba-'u zakap da'y
1-cônjuge-M trabalhador-ADJR roça de
'meu esposo é trabalhador de roça'
- b. un-daia-ru ka'ydinhaba'i-ba
1-cônjuge-F trabalhador-F
'minha esposa é trabalhadora'

De acordo com o exemplo, o sufixo *-ba* de *ka'ydinhaba'iba* 'trabalhadora' (12b) seria expressão de feminino em oposição ao masculino *ka'ydinhaba'u*, que traz apenas o sufixo *'u* marcador de adjetivo (12a). Todavia, esse fato não parece se confirmar na atualidade e mesmo esse trabalho (SANTOS, 2006, p. 240) apresenta exemplo em que tal concordância não ocorre, como se pode observar a seguir:

- (13) a. zyn kunaynyna-'u tan paracari daunaiur at
mulher bonito-ADJR dar caxiri homem a
'a mulher bonita deu caxiri ao homem'

Como se vê em (13), o adjetivo *kunaynyna'u* 'bonita' que especifica o nome feminino *zyn* 'mulher' não apresenta marca de gênero, mas apenas o marcador de adjetivo.

No *corpus* analisado neste artigo, não foi possível registrar ocorrência desse tipo de concordância, de forma que, se de fato ele ocorreu, deve ter caído em desuso com a evolução da língua. Portanto, no nível do sintagma, o único tipo de concordância de gênero que se observa hoje é aquele apresentado em (11) acima, no qual o afixo sinalizador de gênero ocorre no demonstrativo, permitindo a identificação do gênero do núcleo substantivo.

Em acordo com Dixon (1986), se a concordância nos limites da sentença é marcada no verbo, a categoria de gênero pode vir fundida com outras categorias. De fato, isso se comprova em Wapixana, onde essa categoria ocorre fundida com a categoria de caso, como se pode observar nos exemplos em (14), que foram extraídos de Santos (2015, p. 78):

- (14) a. *zyn u-ipai-a-n zamaka*
mulher 3FS-acabar-EP-MI rede
'a mulher acabou a rede'
- b. *y-tykp-a-n wyrada na'ik y-bai'i-a-n-yz*
3MS-ver-EP-MI jaboti e 3MS-flecar-EP-MI-3MO
'ele viu o jaboti e atirou nele'

Em (14), o prefixo de feminino *u-* sinaliza na forma verbal *uipaiian* 'ela acabou' a concordância com o sujeito *zyn* 'mulher' que faz referência a indivíduo do sexo feminino (14a). Já em (14b), por outro lado, o prefixo *y-* e o sufixo *-yz* designadores de masculino, marcam anaforicamente na forma verbal *ybai'ianyz* 'ele atirou nele' as concordâncias respectivas com o sujeito *y-* 'ele' e o complemento verbal *wyrada* 'jaboti', que estão presentes na forma verbal da sentença *ytykpan wyrada* 'ele viu o jaboti' e remetem a indivíduos do sexo masculino. Nota-se, também, que os prefixos *u-*, em (14a), e *y-*, em (14b), além de codificar o gênero, codificam o caso nominativo referentes aos sujeitos com os quais concordam; enquanto o sufixo *-yz*, em (14b), além de marcar o gênero, marca também o caso acusativo de objeto direto ao qual remete.

Em resumo, em termos de expressão do gênero natural, que em Wapixana é fundamentado no tipo de sexo da entidade referida, essa língua apresenta concordância tanto nos limites do sintagma nominal, quanto nos limites da sentença, como discutido.

Expressão da concordância gramatical em Wapixana

Conforme foi mencionado acima, os estudos sobre gênero em Wapixana até o presente, do ponto de vista de sua codificação, têm despertado a atenção mais para a expressão do gênero por marcas flexionais, o que permitiu estabelecer os dois paradigmas opositivos correspondentes a nomes alienáveis e a nomes inalienáveis, e têm se embasado na propriedade semântica de distinção de sexo das entidades referidas, sua característica natural.

Dessa forma, torna-se necessário analisar como se comporta a concordância de gênero com relação aos nomes cujos referentes são entidades não dotadas de sexo. Nesse sentido, Censabella (2007, p. 43), em sua análise da língua Toba, afirma “[...] si el hablante no puede elegir el género de un nombre, estamos frente a un caso de género gramatical: debe decir *el lápiz* y no **la lápiz*, tal como se lo indica el léxico de su lengua.”, portanto, diante de um nome não provido de marca flexional que explicita o gênero, o falante precisa verificar no léxico qual o gênero (inerente) a atribuir e, assim, através do padrão de concordância da língua, exprimi-lo por um mecanismo sintático.

Nessa mesma direção segue Trask (2006) ao mencionar a noção de concordância regencial, como se observa no seguinte excerto:

Esse tipo de coincidência em gênero é encarado tradicionalmente como uma variedade de concordância; mas estritamente falando não se trata de concordância, e sim de regência, porque as palavras *casa* e *libro*, consideradas em si mesmas, têm apenas um gênero possível, e portanto nestes casos não é a forma da palavra que determina a forma de outras palavras, mas sim sua presença – e esse é o critério que define a regência. Alguns linguistas aplicam a esses casos o nome de concordância regencial. (TRASK, 2006, p. 63)

Portanto, as expressões “concordância gramatical” e “concordância regencial” parecem sinalizar o mesmo fato, isto é, envolvem concordância de palavra de gênero único que não é atribuída flexionalmente no núcleo nominal, de modo que não é forma flexionada que engatilha a concordância, mas a presença da palavra em si.

Em Wapixana, a concordância puramente gramatical envolve tanto nomes inalienáveis, quanto nomes alienáveis, desde que façam referência a entidades dotadas de sexo, como se pode observar nos exemplos a seguir, que foram colhidos de Silva, Silva e Oliveira (2013):

(15) wy-ry'y sarib-e-i painha'u.
PROX-M lápis-EP-NPOSS novo
'este lápis é novo'

(16) wy-ry'y baru kimixa'u.
PROX-M machado pesado
'este machado é pesado'

Como se observa em (15), o nome *saribei* 'lápiz' apresenta o sufixo marcador de não possuído *-i* que o caracteriza como pertencente à classe possessiva de inalienável. Em (16), por outro lado, o nome *baru* 'machado' é expresso apenas pela raiz, uma vez que não se encontra em construção possessiva com possuidor explícito, como, p. ex.: *un-baru-n* (1-machado-POSS) 'meu machado', em que teria esse sufixo de possuído; portanto, trata-se de um nome alienável. Nesses exemplos, observa-se também que, através do mecanismo de concordância a ambos esses núcleos nominais, como ocorre com todos os nomes com referentes não dotados de sexo, se atribui o gênero masculino; o qual é marcado no demonstrativo por meio do sufixo *-ryy*, designador dessa subcategoria de gênero.

Do ponto de vista da abrangência semântica dos nomes que têm seu gênero codificado apenas gramaticalmente, considerando que o critério é não possuir referente vinculado a entidade dotada de sexo, são muitos os domínios semânticos envolvidos, como se vê nos exemplos que seguem, também colhidos de Silva, Silva e Oliveira (2013):

(17) wy-ry'y diywy ka-dyny'u
PROX-M buriti AT-gostoso
'este buriti é gostoso'

- (18) wy-ry'y aunaa pygary wiiz man
 PROX-M NEG 2 lugar NEG
 'este lugar não é seu'
- (19) wy-ryy buti'i bidicha'u
 PROX-M laço torado
 'este laço está torado'
- (20) wy-ryy saadkariwiei kuty'au wapichan idia'na
 PROX-M desenho antigo Wapixana EL
 'este desenho antigo é dos Wapichana'
- (21) tawy-ry'y tarayapkizei kichanaitkia'u
 DIST-M passagem perigosa
 'aquela passagem é perigosa'
- (22) un-zuitian-nii wy-ryy panaaukaz
 1-cacetear-NPRES PROX-M bicho
 'vou cacetar este bicho'

Em (17), o nome *diywy* 'buriti' exemplifica o campo semântico de alimentação; em (18), a palavra *wiiz* 'lugar' ilustra o campo semântico de localidade espacial; em (19), a palavra *buti'i* 'laço', o campo semântico de objetos; em (20) e (21), as palavras *saadkariwiei* 'desenho' e *tarayapkizei* 'passagem' ilustram nomes abstratos; e, finalmente, em (22), a palavra *panaaukaz* 'bicho' exemplifica o campo semântico de entidades sobrenaturais. Como se vê, por meio do sufixo *-ry'y* adicionado ao demonstrativo, atribui-se o gênero masculino, através do processo de concordância gramatical, a palavras de todos esses campos semânticos.

Considerações finais

Este estudo teve como meta fundamental a investigação da concordância de gênero (ou classes de nome) na língua indígena Wapixana (Aruák). Esse propósito básico impôs a apreciação de outros fatos correlatos necessários para sua interpretação adequada.

Dessa forma, foi preciso passar em revista a forma particular de concepção e categorização de posse por parte do falante Wapixana que, em um ato de comunicação e diante de um determinado nome, precisa decidir se tal nome pertence à classe dos inalienáveis (obrigatoriamente possuídos) ou à classe dos alienáveis (não obrigatoriamente possuídos), e que esse fato tem reflexo no sistema de gênero ou classes de nome, criando-se dois paradigmas distintos para a expressão de gênero (SANTOS, 2006; 2015), especialmente porque em ambas as classes (inalienável e alienável) inserem-se nomes que remetem a entidades dotadas de sexo: na primeira, nomes de parentesco; na segunda, nomes que remetem a entidades dotadas do traço [+animado].

Assim sendo, partindo dessa informação ancilar, pôde-se constatar que essa expressão de gênero biparadigmática constitui apenas parte do sistema de gênero (classes de nomes) aquela que a literatura denomina de gênero natural, uma vez que é apoiado em uma base semântica, nesse caso específico do Wapixana, o traço semântico considerado é o de sexo. Nessa parte do sistema de gênero dessa língua, entidades dotadas de sexo referidas por nomes inalienáveis, notadamente, termos de parentesco, distribuem-se flexionalmente entre masculino e feminino (oposição *-ry* / *-ru*, respectivamente) e entidades dotadas de sexo referidas por nomes alienáveis, em especial, nomes de animais e de pessoas, com exceção de termos de parentesco, distribuem-se em masculino e feminino (oposição \emptyset / *-aba*, respectivamente) (SANTOS, 2015).

O fato novo relevante é que, tanto entre os nomes inalienáveis como entre os nomes alienáveis, há uma considerável quantidade de nomes que denotam entidades de natureza variada (objetos, lugares, entidades sobrenaturais, nomes abstratos) para os quais a oposição natural, baseada no traço semântico de sexo não se aplica e, conseqüentemente, também não se aplica nenhum daqueles dois paradigmas acima referidos, uma vez que, neste caso, a expressão de gênero é apenas gramatical, não

envolvendo oposição, já que a todos esses nomes se atribui o gênero único masculino. Trata-se da concordância regencial referida por Trask (2006).

Assim, através da investigação do sistema de concordância da língua Wapixana, foi possível constatar que nela operam dois sistemas paralelos: um, o sistema de concordância de gênero natural, calcado na oposição de sexo que é expresso pelo sistema flexional biparadigmático acima referido; outro, o sistema de expressão de concordância de gênero puramente gramatical – concordância regencial –, identificado apenas sintaticamente, por meio da concordância, notadamente, entre o núcleo nominal e o demonstrativo que o determina.

Durante a revisão da literatura sobre a língua Wapixana, verificou-se que, nos últimos anos, tem aumentado o número de trabalhos sobre essa língua, no entanto, sabe-se, também, que muitos fenômenos dela ainda precisam ser descritos, dentre eles, a concordância de gênero certamente ainda será tema de outros estudos. De qualquer forma, espera-se ter dado um passo a mais nesse sentido e contribuído com os que buscam compreender melhor os fenômenos linguísticos do Wapixana.

Referências

- CADETE, Casimiro Manoel. *Dicionário Wapichana-português português-wapichana*. São Paulo, Loyola, 1990.
- CENSABELLA, Marisa. Críterios de Asignación de género gramatical em Toba. *Liames*, n. 7, p. 41-60, 2007.
- CORBETT, Greville G.; FRASER, Norman M. Gender assignment: a typology and a model. In: SENFT, G. *Systems of nominal classification*. Cambridge: Cambridge University Press. 2000. p. 50-92.
- CUNHA, Angélica Furtado da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. 2. ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017, p. 157-174.
- CUNHA, Angélica Furtado da; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado da. (Org.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X, FAPERJ, 2013, p. 13-39.

DIXON, R. M. W. Noun classes and noun classification in typological perspective. In: CRAI, C. *Noun classes and categorization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 1986. p. 105-112.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL – ISA. *Povos Indígenas no Brasil: Wapixana*. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/c/quadro-geral>>. Acesso em 24 de maio de 2019.

LYONS, John. *Introdução à linguística teórica*. Trad. de Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel do orig. inglês de 1968.] São Paulo: Nacional: Universidade de São Paulo, 1979.

MAZONI, Lilian Moreira Aires. A marcação morfológica de gênero natural e gênero gramatical na língua kadiwêu. In: VILLALVA, Alina; SOUZA, Edson Rosa de (Orgs.). *Estudos de morfologia: recortes e abordagens*. Campinas: Mercado das Letras, 2018, p. 245-278.

MELO, Ícia Pinheiro de. *Um estudo sobre a concordância de gênero em Wapixana (Aruák)*. Boa Vista, 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Roraima.

PAYNE, David L. A classification of Maipuran (Arawakan) languages based on shared lexical retentions. In: D. C. Derbyshire & G. K. Pullum (Orgs.). *Handbook of Amazonian languages*. Berlin/New York. Mouton: De Gruyter. 1991. v. 3:355-499.

SANTOS, Manoel Gomes dos. *Uma gramática do Wapixana (Aruak): aspecto da fonologia, da morfologia e da sintaxe*. Campinas-SP, 2006. Tese (Doutorado em Linguística) - Departamento de Linguística do Instituto de estudos da Linguagem, Unicamp. Termos de classe em Wapixana (Aruák). *Revista Moara*, Belém, v. 02, n. 43, p. 68-81, 2015.

SILVA, Bazílio da; SILVA, Nilzimara de Souza; OLIVEIRA, Odamir de. (Orgs.) *Paradakary Urudnaa: Dicionário Wapichana/português, português/Wapichana*. Boa Vista – RR: EDUFRR, 2013.

TRASK, Robert Lawrence. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. Tradução de Rodolfo Ilari. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

GENDER AGREEMENT IN WAPISHANA (ARAWAK)

ABSTRACT

Although the grammatical category of gender does not depend on a particular semantic link, gender in many languages has a natural, semantic basis. Formally, the gender marker can be applied to other constituents beyond the limits of the nominal nucleus, by concordance rules.

Here, we propose, in a typological-functional perspective, an analysis of the gender agreement process in Wapixana (Aruák), a language spoken in the state of Roraima and in the Cooperative Republic of Guyana by the Wapixana people. According to the results, in addition to the registered double paradigm of natural gender, there is also an exclusively grammatical agreement for names whose referents are entities without sex.

Keywords: Indigenous language; Wapixana; Agreement; Gender.

Recebido em 30/08/2020.

Aprovado em 29/09/2020.

.